

Cultura visual e memória no ensino de história local: projeto educativo em Uberlândia (2023-2024)

Visual culture and memory in local history teaching: educative
project in Uberlândia (2023-2024)

Ana Luiza Alves de Oliveira da Silva

Graduanda em História
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)
analuizaalvesdeoliveiradasilva@gmail.com

Nara Rúbia de Carvalho Cunha

Doutora em História
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)
nara.cunha@ufu.br

Michael Kennedy Oliveira Diniz

Graduando em História
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)
mkennedy@ufu.br

Flávia Renata Martins

Graduanda em História
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)
virandoapagina@hotmail.com

Recebido: 14/12/2024

Aprovado: 16/06/2025

Resumo: A partir do conceito de cultura visual, o artigo é um relato de experiência sobre o projeto educativo “A construção social da memória de Uberlândia perspectivada por imagens”, desenvolvido nos componentes curriculares Projetos Interdisciplinares II e III (PROINTER II e III) do curso de História da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), com habilitação em Licenciatura. Esse projeto tem caráter teórico-prático e foi realizado na Escola Municipal Cívico-Militar Hilda Leão Carneiro, também no município de Uberlândia (MG), junto a estudantes de 9º ano do ensino fundamental, do segundo semestre de 2023 ao primeiro semestre de 2024. A atividade consistiu em trabalhar, em conjunto com os estudantes, a compreensão sobre as representações iconográficas e museológicas do passado e do presente da cidade em que vivem.

Palavras-chave: Uberlândia; cultura visual; ensino de história.

Abstract: The article proposes a case study based on the concept of visual culture of the project “The social construction of the memory of Uberlândia as seen through images”, developed during the compulsory subjects Interdisciplinary Projects II and III (PROINTER II and III) of the History degree

at the Federal University of Uberlândia (UFU). This project was carried out both theoretically and practically, with the practical part taking place at Hilda Leão Carneiro, Municipal Civic-Military School, also in the city of Uberlândia (MG), with 9th grade D students. The project was built during the last months of 2023 and the first months of 2024. In addition, this activity consisted of working together with the students on understanding the iconographic and museological representations of the past and present of the city where they live in.

Keywords: Uberlândia; visual culture; history teaching.

Introdução

Este artigo visa a apresentação, em formato de relato de experiência, de um projeto educativo que se empenhou em buscar metodologias alternativas para tematizar a história local em sala de aula, associando diferentes recursos, tais como documentários, fotografias, cartões postais e álbuns de figurinhas, no esforço de mediar uma problematização sobre a construção social da memória do lugar onde vivem os estudantes. Dessa maneira, abordamos em análise qualitativa o projeto *A construção social da memória de Uberlândia perspectivada por imagens*, desenvolvido nos componentes curriculares Projeto Interdisciplinar II e III (PROINTER II e III), do segundo semestre de 2023 ao mês de abril de 2024, no curso História da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Após ser estruturado ao longo de 4 meses, o projeto foi realizado durante sete aulas em conjunto com alunos de uma turma de 9º ano do ensino fundamental na Escola Municipal Cívico-Militar Hilda Leão Carneiro, localizada no bairro Morumbi, na cidade de Uberlândia, em Minas Gerais.

O objetivo principal deste projeto foi, em diálogo com os estudantes, fomentar a reflexão sobre as representações iconográficas e museológicas do passado e do presente, bem como refletir sobre a influência das mesmas na construção social da memória daquela cidade mineira. Como elementos visuais, tais como fotografias e objetos museológicos contribuem para a percepção da cidade e construção de noções sobre sua história?

Após estudar diferentes narrativas sobre o passado da cidade, foram reunidas diversas fontes convertidas em materiais didáticos: documentários sobre a história local, álbuns de figurinhas, cartões postais temáticos e objetos de cultura material pertencentes ao acervo do Museu Municipal de Uberlândia. Foram tratadas na estruturação e realização do projeto tanto a perspectiva museológica quanto a importância da cultura visual na construção dessas narrativas. Contudo, considerando-se os limites deste artigo, para melhor compreensão dos leitores, o enfoque será dado à reflexão sobre cultura visual, articulada ao conceito de “memórias subterrâneas”, de Michel Pollak (1989), e à perspectiva

plural de cidades, de Henri Lefebvre (2001).

Na primeira parte abordaremos aspectos teóricos da proposta de trabalho que foi construída ao longo das atividades de Projetos Interdisciplinares (PROINTER), componentes curriculares que têm caráter teórico-prático e se abrem para compreensão da articulação entre a história escolar e outros ambientes de produção de sentidos sobre o passado, como museus, ruas, praças, monumentos, ambientes midiáticos etc. Na sequência abordaremos etapas da realização do projeto junto à escola e traremos mais detalhes sobre aspectos metodológicos do projeto. Por fim, apresentaremos algumas considerações tecidas a partir da reflexão sobre a prática e análise qualitativa do que foi desenvolvido.

Ensino de história na perspectiva da cultura visual

O conhecimento histórico educacional transcende os limites do espaço escolar, envolvendo a integração de diversos saberes e ambientes. Entendendo a necessidade de integração entre a escola e docentes em formação, o currículo do curso de graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), habilitação em Licenciatura, desde 2019 reserva mais de 400 horas para atividades práticas, além de estágios supervisionados, sendo parte delas as componentes curriculares “Projetos Interdisciplinares” (PROINTER). PROINTER é uma disciplina de caráter teórico-prático que, desde a primeira metade do curso de graduação, visa integrar ao cotidiano escolar professores em formação inicial. Por meio da elaboração e execução de projetos em escolas públicas do município, junto a professores parceiros, os PROINTER possibilitam uma melhor compreensão do ensino de história na práxis educativa.

Para a turma que integramos, as disciplinas PROINTER II e PROINTER III foram ministradas pela professora [Nome omitido para avaliação as cegas], que orientou a elaboração e desenvolvimento do projeto, tendo a parceria do professor Ciro Macedo de Souza, docente da educação básica em escola da rede municipal e ensino de Uberlândia. Definimos que o projeto *A construção social da memória de Uberlândia perspectivada por imagens* teria como objetivos: problematizar a construção da história oficial da cidade; aproximar o ambiente escolar e o ambiente museológico, refletindo sobre o papel dele na construção social de uma memória sobre a cidade; desenvolver habilidades de análise de fotografias e imagens, bem como refletir sobre os impactos da cultura visual na compreensão sobre a cidade. Para isso, metodologicamente nos fundamentamos nos trabalhos de Michel Pollak (1989), Cristina Meneguello (2013) e Henri Lefebvre (2001).

Pollak (1989) em seu artigo *Memória, esquecimento, silêncio*, aborda a característica uniformizadora, opressora e excludente da “história oficial” a partir da memória coletiva. Em sua análise, a memória coletiva possui duas funções essenciais: coesão interna e defesa de fronteiras. A coesão é mantida através de um “trabalho de enquadramento” que organiza a memória coletiva, dando sentido e continuidade ao passado. Sua abordagem busca observar como se constrói e se solidifica a memória coletiva “pelos processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias” (POLLAK, 1989, p. 2).

O autor denomina “memórias subterrâneas” aquelas que se contrapõem à “memória oficial”, sendo elas pertencentes às classes subalternizadas, marginalizadas e transmitidas pela história oral. Para Pollak (1989), a “memória subterrânea” emerge em momentos de crise, propiciando uma “disputa” entre “memórias concorrentes”. Essa distinção mostra como o presente influencia a percepção e a interpretação do passado. Dependendo das circunstâncias, certos aspectos do passado podem ser enfatizados ou reinterpretados (POLLAK, 1989).

Ao caminharmos pela cidade, é perceptível uma guerra de símbolos e imagens que fazem referência a memórias e identidades de diferentes grupos, que não convivem de forma harmoniosa no espaço. O espaço urbano é uma vitrine de disputas de memórias e narrativas sobre a cidade e sua história, em constante tensão. Ao lado de monumentos consagrados a heróis, geralmente homens brancos e vindos das elites econômicas, sociais e políticas, é possível perceber elementos que expressam a não conformidade com esses monumentos. Intervenções artísticas, bem como a depredações, atualmente muito em voga com os movimentos de iconoclastia, são expressão de outros dizeres, isto é, de outras memórias que vêm à tona, ainda que tenham sido colocadas à margem ou sufocadas ao ponto de se tornarem subterrâneas.

Ao refletir sobre a conflituosa tessitura de memórias no espaço urbano, é fundamental que se considerem diferentes elementos visuais que compõem narrativas sobre o local, bem como é imperativo pensar sobre os impactos de tais elementos nas sensibilidades dos moradores, isto é, na percepção de si mesmos e dos outros. Essa reflexão nos aproxima de estudiosos que tratam da cultura visual, tendo em vista a centralidade que o olhar assume na cultura contemporânea.

Para Meneguello (2013) a cultura visual vai além da simples história das imagens. Ela destaca a importância do olhar e das imagens na forma como pensamos e entendemos o mundo. No artigo *Cultura visual: um campo estabelecido*, a autora argumenta que a cultura visual envolve práticas e discursos

que ajudam a moldar a sociedade e a nossa compreensão dela. Baseia-se na troca de significados entre pessoas e as imagens que elas criam, em um processo dinâmico onde as imagens e suas tecnologias também têm sua própria influência. À medida que as tecnologias de comunicação se tornam mais visuais, as imagens desempenham um papel crucial na troca de significados entre as pessoas. Essas imagens e as tecnologias que as produzem têm sua própria influência e seguem seus próprios padrões. Para a autora, “nossa relação com o mundo é negociada por meio da cultura visual” (MENEGUELLO, 2013, p. 8).

Não obstante, a concepção plural de cidade de Lefebvre (2001) aparece neste trabalho porque explora as estruturas do ambiente urbano, desafiando a visão tradicional das cidades como organismos ou fenômenos parciais de organização, originados de pressões e conflitos sociais, econômicos e agrários, decorrentes da transição da humanidade para a modernidade. Segundo o autor, “a cidade sempre teve relação com a sociedade no seu conjunto, com sua composição e seu funcionamento, com seus elementos constituintes [...] com sua história” (LEFEBVRE, 2001, p. 51). Apesar de serem afetadas por acontecimentos globais e pelas políticas estatais e suas regulamentações, as comunidades estão entrelaçadas pelas relações sociais imediatas que as compõem, ao mesmo tempo em que são moldadas urbanamente por fatores como economia, sociedade, etnia, raça, agricultura e arquitetura.

Considerando a relevância de ensinar história a partir das vivências dos alunos e considerando suas perspectivas, procuramos fazer do nosso projeto um espaço de elaboração de conhecimentos que, ao mesmo tempo que problematiza narrativas sobre a história local e as disputas de memória nelas envolvidas, também instiga reflexões sobre como cada um observa a cidade e se vê na cidade.

O projeto foi selecionado pelo professor Ciro Macedo de Souza¹, parceiro do PROINTER desde 2022. Ele atua na rede pública municipal de ensino desde 2021, na Escola Municipal Hilda Leão Carneiro, no ensino fundamental.

A Escola Municipal Hilda Leão Carneiro está localizada no bairro Morumbi, em Uberlândia-MG. O prédio atual foi inaugurado no ano de 1995 (PPP, 2020). Atualmente a escola possui 1292 matriculados, 79 professores em seu corpo docente e atua nos segmentos: Ensino Fundamental I e II, na modalidade regular e na Educação de Jovens e Adultos (EJA), do 6º ano ao 9º ano, além de

¹ Graduado na Universidade Federal de Uberlândia em 2018. Atua na rede pública desde 2021. Tem interesse em história moderna e contemporânea, com ênfase no teatro e poesia da União Soviética e sua influência nos movimentos políticos de esquerda no Brasil.

atendimento educacional especializado (INEP, 2023).

Em 2021, a escola tornou-se cívico-militar pelo Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares (PECIM). O PECIM foi uma parceria entre Ministério da Educação e Ministério da Defesa, homologada em 5 de setembro de 2019, durante o governo de Jair Messias Bolsonaro (2019-2022). Os professores e pedagogos mantêm sua autonomia no processo didático pedagógico, enquanto, paralelamente, os militares realizam atividades de valores baseados no civismo, como monitores. Em 2023, foi decretado a descontinuidade do projeto em nível nacional, entretanto, a Prefeitura Municipal de Uberlândia instituiu a continuidade do modelo cívico-militar em unidades da rede municipal de ensino, através de decreto que contou com grande apoio popular. Esses movimentos demonstram o quanto a educação expressa e é influenciada pelas desigualdades e conflitos relacionados aos interesses das autoridades detentoras do poder, visto que “aquilo que é definido como saber ou conhecimento escolar, na verdade, constitui uma relação particular e arbitrária de um universo muito mais amplo” (NIKITIUKI, 2001, p. 15).

O projeto educativo por nós elaborado para o PROINTER, e acolhido por aquela escola, foi desenvolvido junto ao 9º ano, turma D, e estruturou-se em quatro etapas, organizadas em três aulas geminadas (100 minutos) e uma aula de 50 minutos, perfazendo uma carga horária total de sete horas/aula.

De modo resumido, as etapas consistiram em: I) análise de narrativas sobre a cidade de Uberlândia: memória oficial *versus* memória subterrânea; II) considerações sobre memória e patrimônio: aproximações e reflexão das representações do passado; III) problematização de representações memoriais perspectivadas por imagens; IV) exposição de fotos sobre Uberlândia e avaliação do projeto.

A seguir, detalharemos as etapas I e III do projeto concernentes à cultura visual, bem como às representações citadinas e sua relação com “as memórias subterrâneas” (POLLAK, 1989).

Etapas I - Análise de narrativas sobre a cidade de Uberlândia: memória oficial *versus* “memória subterrânea”


A primeira aula da etapa ocorreu no dia 4 de março de 2024 e o tempo de 100 minutos foi dividido em três procedimentos metodológicos: considerações iniciais, análise fílmica e reforço

expositivo.

Iniciamos abordando o assunto com perguntas sobre a temática geral do projeto, buscando acolher conhecimentos prévios dos estudantes e apresentar nossa proposta. Forma entregues à turma folhas de exercícios contendo perguntas guias para o debate e análise fílmica, como segue na imagem abaixo.

Figura 1- Material didático

Escola Municipal Hilda Leão Carneiro
**Aula 1 - "A construção social da memória de Uberlândia
perspectivada por imagens"**



Questões iniciais para debate:
O que você acha de Uberlândia?
Por que você pensa dessa forma?

Vídeos:
Para observar as diferentes narrativas da cidade de Uberlândia, você assistirá recortes de dois documentários. A partir destes vídeos, observe como e o que é retratado:

"Uberlândia: cidade menina"
Criado em 1940 com o apoio da prefeitura municipal, do Rotary Club e da Associação Comercial, foi dirigido por Emilio Sirkin e com a locução de Nélcio Machado Pinheiro e patrocinado pelo jornal Correio de Uberlândia.

"Memória-Monumento"
De 2018, foi produzido pelo historiador Roberto Camargos e Yuji Kodato, e procura, por meio das pichações e grafites, evidenciar os rastros das muitas vivências na cidade.

Após assistir aos vídeos, responda em seu caderno as seguintes perguntas:

- 1 - Que elementos da cidade de Uberlândia foram destacados em ambos os vídeos?
- 2 - O que você percebeu que não está presente nos vídeos?
- 3 - Por que você acha que os produtores desses filmes escolheram estas imagens?
- 4 - Quem você considera que são os protagonistas de cada vídeo? E os coadjuvantes?
- 5 - Você que vive em Uberlândia, compare a realidade que você vê diariamente com as imagens representadas em ambos os vídeos. Que semelhanças e que diferenças você percebe entre os vídeos e a sua experiência?

Fonte: elaborado pelos autores.

O material é constituído de duas perguntas norteadoras: "o que você acha de Uberlândia?", "por que você pensa dessa forma?", além de conter uma breve descrição dos vídeos *Uberlândia cidade menina* (1940) e *Memória-Monumento* (2018). Na sequência há cinco perguntas que os instruímos a responder em folha separada. As perguntas foram: "Que elementos da cidade de Uberlândia foram destacados em ambos os vídeos?", "O que você percebeu que não está presente nos vídeos?", "Por que você acha que os produtores desses filmes escolheram estas imagens?", "Quem você considera

que são os protagonistas de cada vídeo? E os coadjuvantes?”, “Você que vive em Uberlândia, compare a realidade que você vê diariamente com as imagens representadas em ambos os vídeos. Que semelhanças e que diferenças você percebe entre os vídeos e a sua experiência?”.

Iniciamos a segunda parte apresentando recortes previamente selecionados do documentário *Uberlândia: cidade menina*. Esta película foi produzida em 1940 por intermédio da Prefeitura Municipal de Uberlândia, do Rotary Club e da Associação Comercial. Dirigido por Emilio Sirkin e narrado por Nélcio Machado Pinheiro, também contou com o financiamento do jornal *Correio de Uberlândia* (VISO, 2020). O filme, com cerca de 24 minutos de duração, não é apenas uma homenagem à cidade, mas “uma visão da cidade feita para agradar olhares além de sua própria população, captar outros; uma publicidade para atrair mercado e investidores” (VISO, 2020, p. 54). A obra destaca a elite política e econômica local, mostrando seus serviços e estabelecimentos comerciais importantes, como a fábrica de móveis “Móveis Freitas” e a indústria da charqueada, incluindo a charqueada de Luiz Freitas e a charqueada “Ômega”, de Nicomedes Alves dos Santos (VISO, 2020).

Optamos por realizar recortes no documentário que destacam: a representação panorâmica da cidade²; vista e sociabilidade na praça central³; jogo de futebol amistoso entre times das cidades de Uberlândia e Uberaba, o Praia Clube e o Rotary Club⁴; a fazenda de charque “Ômega”⁵ e a fábrica de móveis⁶ “Móveis Freitas”. Propositamente, no recorte da reunião realizada no Rotary Club, selecionamos um *frame* que contém, junto a outras bandeiras, a do partido nazista. Isso foi observado prontamente pelos alunos, propiciando um diálogo elucidativo sobre o tema, demonstrando que “Trabalhar historicamente com imagens obriga o pesquisador a percorrer o ciclo completo de sua produção, circulação e consumo” (MENEGUELLO, 2013, p. 12).

Exibimos, então, o segundo documentário, denominado *Memória-monumento*. O filme foi produzido em 2018 pelo historiador Roberto Camargos e pelo produtor de imagem Yuji Kodato. O curta-metragem busca, por meio das pichações e grafites, evidenciar os rastros das muitas vivências na cidade. Com duração de 08:20 minutos, foi exibido na íntegra em sala de aula. O documentário explicita o caráter político e elitista do patrimônio, o protagonismo das famílias da elite na composição do

² Recortado do original de 1:19 a 2 minutos.

³ Recortado do original de 2:58 a 3:50 minutos.

⁴ Recortado do original de 10:29 a 14:15 minutos.

⁵ Recortado do original de 17:30 a 18:12 minutos.

⁶ Recortado do original de 17:18 a 19:28 minutos.

espaço urbano e o esvaziamento sociocultural decorrente de uma história hegemônica.

Os autores apoiam-se, também, no conceito de “memórias subterrâneas” de Pollak (1989) e sua contraposição à memória oficial, utilizando das pichações e grafites como exemplo de oposição à “história oficial”, que se impõe como ordem pré-estabelecida, evidenciando as pluralidades e subjetividades presentes na cidade. Camargos e Kodato fazem valer a afirmação: privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados, ressalta a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à “memória oficial” (POLLAK, 1989, p. 4).

Para Lefebvre (2001), quando a cidade é analisada, a partir de conceitos e métodos que propiciam uma visão estática, excluem-se as interrelações sociais e a organicidade cidadina. Logo, “esta cidade histórica não tem mais nada de uma sequência coerente de prescrições, de um emprego do tempo ligado a símbolos, a um estilo” (LEFEBVRE, 2001, p. 106). O autor defende que a cidade não deve ser apenas um espaço de habitação e trabalho, mas um lugar que permita a expressão das múltiplas facetas do ser humano. Isso inclui a criação artística, a troca cultural, o lazer e o encontro, elementos essenciais para uma vida urbana saudável e vibrante. Mais do que isso, o direito à cidade deve ser garantido a todos, e não apenas aqueles que têm poder aquisitivo para usufruir de seus melhores espaços.

Os estudantes responderam às perguntas entregues no início da aula, referentes aos dois vídeos apresentados. Este momento não trouxe maiores dificuldades. No geral, as respostas foram satisfatórias, compreendendo a temática e nossa intenção com a análise.

Na terceira parte, foi realizada uma exposição dialogada sobre a história da cidade de Uberlândia. Utilizamos as informações da seção *História e fotos* do site do IBGE, em função do seu caráter oficial e por ser um material de fácil acesso.

Em síntese, as informações contextualizam a formação da cidade a partir da ocupação da região do Triângulo Mineiro iniciadas no século XVIII, quando denominada Sertão da Farinha Podre, relacionando sua origem com o ciclo aurífero colonial, como terra de passagens para os mineiros das Minas de Goiás e região litorânea da colônia. Cita-se que a ocupação colonial se deu com a distribuição de sesmarias entre 1817 e 1818 (IBGE, 2013).

A narrativa se desenvolve a partir da empreitada de Caetano Alves Rezende, José Alves Rezende, Francisco Rodrigues Ribeiro e João Pereira da Rocha, considerado fundador do Arraial de

São Pedro do Uberabinha (IBGE, 2013). Foi destacado para análise o seguinte trecho do texto em relação às décadas de 1820 e 1830: “Nesta época já existia um grande povoado às margens do córrego São Pedro do Uberabinha, iniciado pelos escravos deixados lá por João Pereira da Rocha e mais as famílias que foram chegando para tocar lavouras na sesmaria São Francisco” (IBGE, 2013). Ademais, apresentamos aos estudantes os marcos administrativos desde o reconhecimento como Arraial de São Pedro de Uberabinha em 1857, até 1929 com a renomeação do município de Uberabinha para Uberlândia. (IBGE, 2013).

Para Pollak (1989), as memórias subterrâneas enfrentam a dificuldade em se manterem conhecidas até sua emergência, perpassando do não-dito para o reivindicado e contestado. “O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais” (POLLAK, 1989, p. 3), enquanto a memória oficial carece de credibilidade, aceitação e organização, sendo necessário um intenso trabalho organizacional que supere as suas simplificações e precariedades representativas.

Edgardo Lander (2005) ao analisar a historicidade das relações sociais a partir da perspectiva liberal e neoliberal, aponta o caráter universalista baseado em um único modelo de civilização possível e desejável, sendo ele o da sociedade moderna ocidental. Tal visão hierarquiza e classifica, a partir das experiências dos países colonizadores e imperialistas, os saberes, as linguagens, as memórias e os imaginários, bem como a totalidade do espaço. Portanto, “A história é universal como realização do espírito universal, mas esse espírito universal não participa igualmente todos os povos” (LANDER, 2005, p. 11).

Em contraponto a narrativa positivista constatada nas informações do IBGE (2013), norteadas pela ação da elite local, (João Pereira da Rocha e correligionários) em perspectiva colonial, utilizamos o trabalho do geógrafo Luís Augusto Bustamante Lourenço (2005) denominado *A oeste das minas: escravos, índios e homens livres numa fronteira oitocentista Triângulo Mineiro (1750-1861)*, a fim de desnaturalizar e contraditar a hegemonia discursiva. Em síntese, o autor, a partir da metodologia proposta por Carl Sauer (2002) no campo da geografia cultural⁷, identifica três “grandes sistemas culturais” justapostos na região do Triângulo Mineiro entre os séculos XVIII e XIX: dos Kayapó, indígenas caçadores, coletores e horticultores; dos aldeamentos indígenas erigidos pelos jesuítas, constituídos de indígenas

⁷ A geografia cultural é um campo metodológico que se dedica a analisar as relações entre espaço, territorialidade, lugar e paisagem, investigando como esses elementos influenciam a cultura e são, por sua vez, moldados pela interação entre o ser humano e a natureza, bem como pela organização espacial. Ver mais em Claval. Paul. A Geografia Cultural, 2014.

introduzidos à região; e geralista, composta por “técnicas e representações luso-brasileiras, mas repleta também de traços culturais africanos e ameríndios” (LOURENÇO, 2005, p. 37).

Ademais, o autor fornece informações arqueológicas sobre a ocupação humana na região e elucida sobre a existência de uma complexa rede de quilombos habitados por negros resistentes à escravidão e alforriados, que ocupavam “toda a faixa de terras do alto do São Francisco e médio Rio Grande” (Lourenço, 2005, p. 108), formando “um crescente sobre as serras da Marcela, da Saudade, o Campo Grande e a Serra da Canastra, que marcam o início dos chapadões que se estendem até o atual Triângulo Mineiro” (LOURENÇO, 2005, p. 108-109).

O trabalho de Lourenço está em consonância com a Lei nº 11.645/08 e suas diretrizes, que determinam o estudo do protagonismo das populações indígenas africanas e afrodescendentes na formação da sociedade brasileira. Essa rica e complexa história tem sido silenciada, como demonstrado nas informações fornecidas pelo IBGE. O órgão menciona um “grande povoado às margens do córrego São Pedro do Uberabinha, iniciado pelos escravos deixados lá por João Pereira da Rocha” (IBGE, 2013), mas omite a existência das comunidades quilombolas e sua significativa agência na formação urbana da região. Segundo o autor, as cidades triangulinas, além de origem nos aldeamentos, sobrepõe a áreas de antigos quilombos “apagando a maior parte dos traços de sua existência anterior (LOURENÇO, 2005, p. 110). Essa omissão não é apenas uma falha de registro histórico, mas também uma distorção que apaga ou minimiza as contribuições e a resistência dos quilombolas na construção do Triângulo Mineiro.

Para Lefebvre (2001) somente uma práxis verdadeiramente transformadora poderia reunir o que está disperso e fragmentado, apontando para a necessidade de uma síntese capaz de enfrentar os desafios do urbano contemporâneo, como a segregação e privatização de espaços de cultura e lazer. As práticas analíticas e burocráticas que dominam o urbanismo atual não têm o poder de recompor essa totalidade, evidenciando um fracasso tanto teórico quanto prático na gestão dos espaços urbanos.

Os alunos foram participativos, demonstrando muito interesse, principalmente sobre os indígenas da região e os conflitos territoriais, trazendo muitas questões, algumas delas antecipando os tópicos abordados. Para finalizar a aula, foi passado aos alunos o *Instagram* do projeto⁸ e uma atividade assíncrona, que consistia em fotografar algo que lhes chamasse a atenção no percurso entre a escola

⁸ Link do Instagram disponibilizado após a “avaliação às cegas”

e suas residências, para o trabalho final que seria a montagem de uma exposição.

Etapa III - “Representações memoriais perspectivadas por imagens”

No dia 25 de março de 2024, a aula geminada foi dividida em duas partes: atividade em grupo e uma roda de conversa para compartilhamento das percepções sobre a atividade proposta, e também, dos resultados do exercício proposto na etapa II⁹.

Iniciamos a Etapa III dividindo os alunos em 6 grupos de 5 ou 6 pessoas. Para a dinâmica do dia, construímos a nossa própria mala de sensibilidades, composta por fotografias da coleção do memorialista uberlandense João Quituba, cartões postais organizados por Caroline Rizzoto *Uberlândia em Postais: resgatando a memória e o patrimônio cultural* (2006), e seis álbuns de figurinhas com três temáticas diferentes sobre Uberlândia produzidos pelo artista visual George Thomaz, propiciando uma variedade de interações, sensibilidades e conexões emocionais que surgem das diversas formas de representações visuais, ressaltando “o potencial cognitivo do documento visual, valorizando a dimensão visual da vida social” (MENEGUELLO, 2013, p. 12).

A coleção do memorialista João Quituba está presente no Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS). Este vasto acervo retrata a história de Uberlândia e região entre o final do século XIX até os anos de 1980, isso por meio de fotografias, livros de ouro, correspondências, livros, revistas entre outros diversos documentos. De acordo com Caroline Campos Rizzotto (2009) em seu artigo *Imagens de Uberlândia: Patrimônio Cultural*:

João Martins de Oliveira, ou “João Quituba”, autodenominava-se historiador e fundador do Museu de São Pedro de Uberabinha. Durante sua vida, selecionou e guardou os mais variados tipos de documentos, cartazes, matérias de campanhas eleitorais, recortes de jornais, fotografias e outros, com o objetivo de expor esse material em lugares públicos (RIZZOTTO, 2009, p. 128).

Utilizamos também três álbuns de figurinhas sobre a cidade de Uberlândia, que retratam locais, objetos e personagens marcantes da história da cidade. Produzidos pelo artista visual George Thomaz,

⁹ Na etapa II “memória e patrimônio: aproximações e reflexão das representações do passado”, por meio de uma exposição dialogada e utilizando a mala de sensibilidades do projeto “De mala e cuia”, do Museu Municipal de Uberlândia, procuramos aprofundar o vínculo com o espaço museológico e evidenciar sua importância na preservação, recuperação, disseminação, pesquisa e promoção da história e memórias urbanas, por meio do contato com objetos do cotidiano musealizados. Também, apresentar o conceito de patrimônio e sua natureza material e imaterial.

a partir de 2007, cada álbum possui uma temática diferente. Os álbuns são compostos de fotos tiradas pelo próprio autor, outros fotógrafos e, provenientes de arquivos públicos da cidade, compiladas pela visão de uma pessoa de fora, como o autor paulistano afirma.

Figura 2 – Mala de sensibilidades: representações memoriais perspectivadas por imagens



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Para cada grupo foram propostas três atividades: utilizar as fotografias para escrever uma história, dedicar um postal para uma pessoa de sua escolha e completar o álbum de figurinhas. A Base Nacional Curricular Comum - BNCC (2018) apoia seus fundamentos pedagógicos em dois preceitos norteadores, previstos pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/96). O primeiro estabelece a relação entre o que é básico ou comum e o que é diverso no currículo. Assim, as competências e diretrizes são comuns, mas os currículos permanecem diversos. O segundo preceito enfatiza que o currículo deve estar a serviço do desenvolvimento de competências e aprendizagens essenciais, não se limitando apenas à transmissão de conteúdos mínimos a serem ensinados.

O desenvolvimento de competências consiste, então, na definição clara do que os alunos devem "saber", englobando conhecimentos, habilidades, atitudes e valores, e, sobretudo, no que precisam "saber fazer". Isso envolve a capacidade de mobilizar esses conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver situações complexas da vida cotidiana, exercer a cidadania de forma

plena e atuar no mundo do trabalho de maneira eficaz. A proposta enfatiza não apenas a aquisição de conteúdos, mas também o uso prático desses saberes em diferentes contextos, promovendo uma educação integral e conectada às demandas contemporâneas.

Nesse sentido, as atividades em grupo propõem reflexão sobre os elementos das fotografias, analisando permanências, mudanças e escolhas na representação da cidade, além de oferecer práticas e aprofundamento nos conceitos de memória, imagens e representações. A dinâmica fortalece a autonomia, oferecendo aos estudantes “condições e ferramentas para acessar e interagir criticamente com diferentes conhecimentos e fontes de informação” (BRASIL, 2018, p. 60).

Com o material em mãos, os alunos tiveram um tempo para apreciação e reflexão sobre as atividades a serem desenvolvidas. Durante esse momento, fomos auxiliando nas dúvidas que haviam surgido sobre as execuções dos trabalhos. Os alunos não conseguiram terminar todas as atividades, faltando finalizar tanto o álbum de figurinhas quanto os cartazes. Assim, a atividade precisou ser completada em casa e entregue na próxima aula.

Na segunda metade da aula, realizamos uma roda de conversa sobre a interação com os objetos da segunda mala e os objetos que julgaram importantes e trouxeram de casa, exercício¹⁰ proposto na etapa II. No geral, apontaram a evolução da cidade e como algumas partes dela mudaram com o passar dos anos, a evolução do trabalho com o avanço da tecnologia e a mecanização de trabalhos antes manuais. Também a presença de pessoas pretas apenas em papel de trabalho, não aparecendo em fotos de lazer nem em posição de autoridade.

Os alunos reconheceram alguns pontos preservados da cidade, como a praça Clarimundo Carneiro e a praça Tubal Vilella. Perguntados sobre o que compreenderam a partir das atividades, alguns exclamaram que não sabiam como Uberlândia era no passado, que fizera parte do circuito do café. Um aluno em específico disse que as imagens traziam um sentimento nostálgico sobre algo que não conhecia. Chamou-nos a atenção outro estudante que, ao observar uma fotografia de uma fila de embarque para o trem, comparou-o com as filas para o transporte público da cidade no Terminal Central atualmente. Essa interação permitiu uma pequena discussão sobre patentes, história dos meios de propagação da música e futebol. Os assuntos tratados no entrecruzamento e associação de

¹⁰ Foram passadas instruções reforçando que tirassem fotos com seus celulares, dos caminhos da escola para casa e vice-versa, e que representassem, para eles, a cidade de Uberlândia, também apresentamos a ficha de catalogação a ser trabalhada na próxima semana e pedimos aos estudantes que trouxessem ou um objeto ou a foto de um objeto que considerassem relevantes.

diferentes imagens capacitam “o sujeito não somente raciocinar teoricamente, mas igualmente agir na vida prática” (VIEIRA, 2022, p. 213).

Por último, perguntamos sobre a realização do primeiro exercício, que consistia em fotografar o percurso casa-escola. Essa atividade contou com uma baixa adesão. Poucos alunos compreenderam o que fazer, aparecendo fotos de paisagens ao invés de marcos que chamaram a sua atenção. Assim, reforçamos a orientação e pedimos que refizessem a atividade, que seria fundamental para a montagem de exposição no último encontro, fechando o projeto com produções dos estudantes.

Considerações finais

A avaliação do projeto foi feita ao longo de toda a sua realização, considerando tanto que o foi planejado e proposto por nós quanto o que foi produzido pelos estudantes. De modo geral, consideramos que foi uma atividade muito bem sucedida, tanto no que tange à participação dos estudantes ao longo das aulas - através da manifestação de interesse nos conteúdos, na proatividade em realizar as atividades em sala de aula, assim como na atividade de tirar fotos no trajeto de casa para a escola e na escolha dos objetos – quanto na participação e abertura da escola (professor de história, diretor e assistentes) em nos receber, nos prover de todo material que solicitávamos ao longo do trabalho e nos cedendo o tempo necessário para desenvolver na íntegra o projeto. Durante o processo houve paralisação das aulas devido a uma possível greve dos professores do ensino municipal, porém isto não atrapalhou o andamento do projeto, tendo o professor nos mantido informados dos acontecimentos.

Para a boa interação que aconteceu entre nós e os alunos, julgamos ter sido essencial uma aula (geminada) de observação que realizamos antes de colocarmos efetivamente em prática o projeto. Num segundo momento, estabelecemos uma interação com os alunos, nos apresentando a todos e conversando com alguns deles durante a aula de História. Este momento, extremamente relevante, mostrou-nos antecipadamente o ambiente no qual trabalharíamos, o grau de interesse dos alunos, e nos levou a examinarmos se as dinâmicas com as imagens seriam bem recebidas e propícias para aquele grupo. De acordo com Freire (2001), “a responsabilidade ética, política e profissional do ensinante lhe coloca o dever de se preparar, de se capacitar, de se formar antes mesmo de iniciar sua atividade docente” (FREIRE, 2001, p. 259).

Sobre o uso das imagens, destacamos que “É o olhar que estabelece nosso lugar dentro do mundo: o mundo pode ser explicado por palavras, mas estas não retiram o poder das imagens que nos envolvem” (MENEGUELLO, 2013, p. 9). Existe uma primazia das imagens no mundo hodierno, e elas foram o mote, dentro do projeto, para que a memória social da cidade de Uberlândia fosse problematizada. Desde a abordagem dos documentários (*Uberlândia: cidade menina* e *Memória-Monumento*) foi nossa preocupação trazer à tona imagens encobertas, “memórias subterrâneas” que vão deixando seus rastros no traçado das pichações e das passagens das pessoas pelos percursos comuns e hodiernos da cidade. Neste aspecto, as imagens potencializaram a compreensão dos estudantes, que revelaram em suas falas impressões do que viram, sentiram e concluíram em relação às memórias e narrativas sobre a cidade. A percepção do social teve destaque em seus comentários, como quando perguntados, através de um breve questionário após as projeções, o que haviam percebido que não estava presente em ambos os vídeos, e a resposta majoritária foi: “negros” e “pretos”. E ainda, quando perguntados quem eles consideravam que seriam os protagonistas de cada vídeo, as respostas foram: “os burgueses” e “as pichações”.

Além dos filmes, as imagens também foram trabalhadas através da fotografia (dez fotos escolhidas do arquivo do memorialista João Quituba), cartões postais selecionados pela historiadora Caroline Rizzotto, e pelos três álbuns de figurinhas sobre a cidade de Uberlândia, desenvolvidos pelo artista George Thomaz. A manipulação deste material foi o ápice do projeto para os alunos, tendo muitos deles eleito este momento como o mais legal durante o projeto. A alegria contagiante de alguns, unida ao trabalho em equipe, levou-os a realizarem as atividades a contento, entregando todas dentro do prazo. Os álbuns, com as figurinhas coladas, foram doados para a biblioteca da escola como material para pesquisa sobre a cidade. Os cartazes com as fotos, trazendo outros dizeres sobre história da cidade, foram utilizados para compor uma exposição no pátio da escola, de modo a possibilitar que outras pessoas pudessem se inteirar do projeto realizado. E os cartões postais ficaram com os alunos para que enviassem aos entes queridos ou pessoas que considerassem ter afinidade com as imagens elaboradas.

Diferentes imagens que compõem as narrativas de história e memória de Uberlândia foram captadas através do olhar de épocas diferentes e, na sequência, foram reelaboradas por estudantes do ensino fundamental, que manipulando variadas imagens e objetos, mobilizaram sentimentos, pensamentos e compreensões. Percebemos o quanto eles possuem, já nessa etapa da escolaridade, criticidade suficiente para verbalizar e contextualizar o momento histórico vivido, relacionando-o a

outros momentos históricos.

Que tipo de percepção e de sentimentos a cidade gera para quem a capta em diferentes imagens do cotidiano: pertencimento ou exclusão? Uma gama de perguntas conscientes e inconscientes, podem ser feitas pelo morador daquele espaço, construtor direto e indireto da história que vai se configurando ao seu redor. De acordo com Meneguello (2013), o “ver” não está simplesmente determinado pela natureza, mas por uma construção cultural que se aprende e se cultiva. Segundo a autora, “‘ver’ está profundamente ligado às sociedades humanas, com sua ética e suas formas políticas, com sua estética e suas epistemologias, na dinâmica de ver e ser visto” (MENEGUELLO, 2013, p. 11), e foi exatamente esse aspecto que foi contemplado quando buscamos nos aproximar da própria forma como os estudantes veem e se veem, quando eles mesmos tiram fotos do trajeto que fazem da escola para casa. Esta atividade revelou, durante o compartilhamento e a exposição de suas imagens, sua percepção estética do cotidiano e como são as construções mentais e sociais que eles fazem das mesmas. Dentro de um trajeto cotidiano, ideias e imagens vão sendo feitas e todo esse contexto está envolto em ações humanas que repercutem no olhar pessoal do cotidiano; de como o ser que vê elabora essas ações de outrem, de um grupo, e como elas interferem nesse dia a dia e na história que vai sendo construída em relação a essa cidade e a esse convívio.

De forma bem lúcida, podemos afirmar que este trabalho com imagens foi e é extremamente elucidativo para a compreensão e percepção da(s) história(s) e memória(s) sociais que são configuradas no viver diário dos indivíduos dentro de uma cidade, de uma comunidade. Especificamente para o ensino de história, o uso de imagens é uma ajuda incomensurável do ponto de vista do esclarecimento e entendimento de cada aluno sobre seu lugar na sociedade local. Ele não simplesmente recebe passivamente o conteúdo da disciplina, mas a partir de seu próprio mundo, entende o que é história, e que ela não está somente nos livros, sendo contada por alguém, mas ela é sim, construída por ele (aluno) e vivida em seu cotidiano. Ele vê uma profusão de imagens presentes massivamente ou não, em seu dia a dia, contando a história de uma forma que ele poderá interpretar, dependendo do modo como ele vê, se vê e é visto.

Referências bibliográficas

- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. **Lei 11.645/08 de 10 de março de 2008**. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, 2008

CAMPOS RIZZOTTO, Caroline. **Imagens de Uberlândia: patrimônio cultural.** Olhares & Trilhas, [S. l.], v. 7, n. 1, 2009. Disponível em:
<https://seer.ufu.br/index.php/olharesetilhas/article/view/3605>.

IBGE. História de Uberlândia. 2013. Disponível em:
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/uberlandia/historico>

LANDER, Edgardo. **Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêtricos.** In Colonialidade do saber: Perspectivas latino-americanas. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005, p.8-23.

LOURENÇO, Luis Augusto Bustamente. **A Oeste das Minas Escravos, índios e homens livres numa fronteira oitocentista. Triangulo Mineiro (1750-1861).** Uberlândia EDUFU, 2005.

LEFEBVRE, Henri. **Direito à Cidade.** Henri Lefebvre, Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo Centauro, 2001.

MENEGUELLO, Cristina. **Cultura Visual: um campo estabelecido.** Revista Eletrônica Cadernos de História, ano 8, n. 2, p. 8-18, dez. 2013.

NIKITIUKI, Sonia Maria Leite. **Ensino de História: Algumas Reflexões Sobre a Apropriação do Saber.** In: Repensando o ensino de história. Org. Sonia M. Leite Nikitiuki. 4.ed – São Paulo, Cortez, 2001, (p. 9-24)

POLLAK, Michel. **Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.3-15.

Qedu.Org.br. **Escola Municipal Hilda Leão Carneiro.** Disponível em:
<https://qedu.org.br/escola/31246743-escola-municipal-hilda-leao-carneiro>

SAEB. Sistema de Avaliação da Educação Básica. **Escola Municipal Hilda Leão Carneiro.**2019.

VIEIRA, Martha Victor. **Ensino de História e Interdisciplinaridade.** Fragmentos de Cultura, Goiânia, v.32, n.2, p.309-321, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.18224/frag.v32i2.12171>

VISO, Guilherme Alves. **Transtemporalidades na paisagem e cotidiano urbano: representações fotográficas de Uberlândia (1950-1960).** 2020. 108 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020. DOI <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2020.806>.